

sões. O reconhecimento, interpretação e ação frente aos problemas de saúde, e em particular de saúde mental, são considerados uma questão do grupo engajando seus membros em um longo processo de negociação, que vai influenciar o manejo e o prognóstico. A doença mental é concebida como uma questão social, tanto em sua gênese quanto em seu tratamento. Essa é uma das importantes lições africanas.

Além de conduzir-nos ao universo da loucura em territórios Dogon, a obra é também um convite para restaurar as ligações entre loucura e sociedade e repensar os fundamentos de uma psiquiatria desvinculada da cultura. Sua leitura é obrigatória para todos aqueles que atuam ou se interessam pelo campo da saúde/doença mental.

Elizabeth Uchoa  
Centro de Pesquisas René Rachou,  
Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, Brasil.

**EL VIH/SIDA EN PAISES DE AMERICA LATINA: LOS RETOS FUTUROS.** Anabela G. Abreu, Isabel Nogueir & Karen Cowgill, editores. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud/The World Bank; 2004. 316 pp.

ISBN: 92-75-31597-3

#### **HIV/AIDS na América Latina: conquistas e desafios na terceira década da epidemia**

A leitura do volume, editado pela Organização Pan-Americana da Saúde e pelo Banco Mundial, proporciona ao profissional de saúde brasileiro, antes de tudo, a satisfação pelo que foi conseguido pelo seu próprio país, misturada à perplexidade frente à resposta ainda bastante incipiente de inúmeros países da região à epidemia, já na sua terceira década.

Se com relação ao Brasil seria possível – como sugeriríamos incluir no título do volume – incorporar a palavra conquistas, o título original do livro, que menciona apenas desafios, parece mais apropriado a contextos em que as informações são precárias, a oferta de tratamento limitada, ou mesmo inexistente, e as iniciativas de prevenção tímidas e pouco coordenadas.

O Brasil desempenha hoje um incontestável papel de liderança em todo o conjunto de países em desenvolvimento, tanto em relação à implementação de iniciativas inovadoras no âmbito da prevenção (como o, tão debatido, conjunto de “estratégias de redução de danos” para usuários de drogas) como ao maior programa de âmbito nacional de oferta de medicamentos anti-retrovirais do mundo, com cerca de 140 mil pessoas vivendo com HIV/AIDS em tratamento, a custo zero para os pacientes, e acompanhado do devido monitoramento clínico e laboratorial.

Embora boa parte da melhor bibliografia (tanto em português, como em inglês) sobre temas centrais ao programa brasileiro tenha sido publicada em um período posterior à coleta de dados que informa o referido volume, não há como relevar a inegável omissão da bibliografia publicada em língua portuguesa. Apenas a título de exemplo, o suplemento especial de *Cadernos de Saúde Pública* sobre a epidemia de AIDS, editado em 2000, é ignorado pelos autores da obra, tendo sido utilizadas, na análise dos dados brasileiros, publicações bastante defasadas no tempo e que

nem chegaram a incorporar as questões debatidas no referido suplemento.

Obviamente, o resenhista não teve de debruçar-se sobre um conjunto imenso de dados e publicações, frequentemente disperso e de qualidade desigual, beneficiando-se do conforto das avaliações feitas *a posteriori*. Seguindo nessa linha de raciocínio, é possível evidenciar uma característica preocupante da maioria dos sistemas nacionais de informação da América Latina: as informações disponíveis são escassas, os sistemas são bastante fragmentados, e a maioria das iniciativas não se faz acompanhar da devida avaliação.

Para além da questão da produção científica *stricto sensu*, as importantes lacunas no âmbito da informação em saúde têm conseqüências graves para a gerência dos programas, comprometendo a difusão de achados relevantes e de multiplicação de iniciativas bem-sucedidas. Na ausência de informação sistemática e de comunicação efetiva, o que se constata, ao longo de todo o livro, é que diversas iniciativas criativas acabam por não se disseminar para contextos mais amplos que o dos projetos-piloto, não havendo igualmente clareza quanto ao real benefício (ou, alternativamente, quanto à eventual ausência de qualquer ganho) das estratégias implementadas. Essas deficiências comprometem a avaliação das estratégias de prevenção e tratamento, ambas, especialmente as últimas, de alto custo e logística complexa, falha especialmente grave em um contexto de crise econômica e restrição orçamentária.

Aqui também o Brasil aparece como exceção, pois, a despeito de ter experimentado problemas econômicos e de lidar com um orçamento limitado, especialmente na esfera das “ações sociais”, tais problemas não resultaram na interrupção das ações em curso, como em diversos países latino-americanos.

O duplo propósito de qualquer resenha deve ser o de convidar o leitor a explorar a obra por si mesmo e de apontar as eventuais falhas a serem corrigidas em edições futuras da mesma. Portanto, está feito o convite à leitura de um documento útil e abrangente, contendo informações até então dispersas e mesmo inacessíveis ao leitor que não tem como obter documentos de circulação interna de programas locais e coordenações nacionais dos diferentes países latino-americanos. Cabe, a seguir, apontar as suas falhas com o propósito construtivo de que revisões dessa natureza sejam empreendidas de forma regular numa região tão carente de dados sistemáticos e análises críticas dos mesmos.

O livro, na sua página 30, atribui a suposta escassez de preservativos em um centro de saúde de São Paulo à “concentração de recursos no tratamento, em detrimento da prevenção” (*verbatim*, tradução minha). Reproduz, com isso, a meu ver, uma dicotomia superada entre tratamento e prevenção, superada, na verdade, tanto por iniciativas em que não é possível distinguir o que é tratamento do que é prevenção, como no caso do tratamento e profilaxia da transmissão materno-infantil do HIV, como também, pelos debates expressos na bibliografia mais recente sobre o tema.

Na bibliografia mais atual, tanto na esfera propriamente científica como no âmbito das iniciativas programáticas da OMS/UNAIDS de ampliação de acesso ao tratamento, as questões se afiguram bastante mais complexas do que supunha a antiga dico-

tomia entre prevenção e tratamento. Embora não seja possível retomar, no espaço de uma resenha, tais questões, remeto o leitor ao trabalho inaugural de Sally Blower<sup>1</sup> sobre o tema, como também às reflexões do nosso próprio grupo de pesquisa<sup>2</sup> e ainda ao extenso conjunto de publicações da OMS acerca da iniciativa de acesso ampliado à terapia anti-retroviral denominada “3 by 5” (disponível em mais de trinta brochuras sobre o tema, como também no *site* da OMS). Talvez nenhum outro autor tenha tratado das questões conceituais referentes a esses temas – exemplificando-as de forma tão clara e prática –, como Paul Farmer, que o leitor interessado pode encontrar em livros indispensáveis como: *Infections and Inequalities*<sup>3</sup> e *Pathologies of Power*<sup>4</sup>, assim como em inúmeros artigos, de fácil obtenção em bancos bibliográficos, como o MEDLINE.

Uma segunda afirmação que me parece despropositada do livro (página 33) é a de que: “*comunidades identificadas de forma independente como homossexuais (...) são virtualmente desconhecidas na América Latina*” (*verbatim*, tradução minha), o que vai de encontro a achados etnográficos bastante consistentes de autores como Richard Parker. Ver, por exemplo, seu livro *Abaixo do Equador*<sup>5</sup>.

Finalmente, o livro peca por discutir as questões referentes ao consumo de drogas e às ações de redução de danos na América Latina de forma simplista em diversas passagens, além de desatualizada com relação à bibliografia disponível à época em que foi escrito. Ainda que sob uma perspectiva mais tradicional, cabe proporcionar ao leitor uma visão mais matizada da cena de consumo de drogas latino-americana, a exemplo da excelente obra de Thoumi (*Illegal Drugs, Economy, and Society in the Andes*)<sup>6</sup>, que compila e atualiza seus achados e publicações de mais de duas décadas de análise da cena de tráfico e consumo da América andina (demais publicações do autor amplamente disponíveis, à exceção da recente obra, de 2003, à época de redação do livro que ora resenho).

Em suma, essas e outras falhas não retiram o mérito dos autores, que compilaram e analisaram um vasto material, muitas vezes inédito, disponibilizando-o ao leitor latino-americano, em inglês e espanhol. Boa leitura!

Francisco Inácio Bastos  
Centro de Informação Científica e Tecnológica,  
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

1. Blower SM, Gershengorn HB, Grant RM. A tale of two futures: HIV and antiretroviral therapy in San Francisco. *Science* 2000; 287:650-4.
2. Boily MC, Bastos FI, Desai K, Masse B. Changes in the transmission dynamics of the HIV epidemic after the wide-scale use of antiretroviral therapy could explain increases in sexually transmitted infections: results from mathematical models. *Sex Transm Dis* 2004; 31:100-13.
3. Farmer P. *Infections and inequalities*. Berkeley: University of California Press; 1999.
4. Farmer P. *Pathologies of power*. Berkeley: University of California Press; 2003.
5. Parker R. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record; 2002.
6. Thoumi F. *Illegal drugs, economy, and society in the Andes*. Washington DC/Baltimore/London:

Woodrow Wilson Center Press/The Johns Hopkins University Press; 2003.

**É VENENO OU É REMÉDIO? AGROTÓXICOS, SAÚDE E AMBIENTE.** Frederico Peres & Josino Costa Moreira, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003. 384 pp.

ISBN: 85-7541-031-8

Este livro abrange diferentes aspectos relacionados aos agrotóxicos com artigos de 24 pesquisadores de várias áreas da ciência, na maioria, envolvidos diretamente com o problema da exposição humana e ambiental a esses compostos. Além de revisões de algumas questões básicas ligadas ao tema, o livro também apresenta os estudos conduzidos pelo Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH), Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), numa região rural de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, situada na microbacia do Córrego São Lourenço e caracterizada pela agricultura familiar. O livro é dividido em três partes: *Agrotóxicos, Saúde e Ambiente – Uma Introdução ao Tema; Metodologias de Pesquisa – Avanços e Dilemas*; e *Perspectivas e Desafios*. Essa lógica permite ao leitor o acúmulo progressivo de informações e chegue ao final com a sensação de uma viagem através de um tema que afeta diretamente uma parcela importante da sociedade brasileira.

A primeira parte do livro discute aspectos legais de uso e a ação tóxica dos agrotóxicos no organismo humano. O primeiro artigo apresenta as inúmeras denominações relacionadas a esse grupo de substâncias e o significado de cada uma para os diferentes grupos sociais. Para os autores, apenas a denominação “agrotóxicos”, utilizada pela legislação brasileira vigente, apresenta transparência e possui caráter ético para o leitor, usuário e consumidor de alimentos. Outras denominações reforçam o “caráter positivo” dessas substâncias e beneficiam as indústrias químicas, em detrimento da informação visando proteger a saúde humana. Em seguida, os autores descrevem o processo de registro de agrotóxicos no Brasil. Apesar de correta, a descrição, porém, omite informação da importante função do Ministério da Saúde, através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), neste processo – o estabelecimento de limites máximos de resíduos dos agrotóxicos nos alimentos (LMR). A presença de resíduos de agrotóxicos nos alimentos consumidos no país será, em tempo, objeto de discussão na segunda parte do livro.

Três outros artigos da primeira parte tratam da utilização dos agrotóxicos no campo e as consequências desse uso para a saúde humana e para o meio ambiente. Em *A Exposição de Crianças e Adolescentes aos Agrotóxicos*, Paula de Novaes Sarcinelli reporta um trabalho conduzido pelo CESTEH em Nova Friburgo, no qual indicadores biológicos de exposição a agrotóxicos foram avaliados em crianças e adolescentes que se ocupavam de atividades agrícolas nas propriedades familiares. O artigo *Exposição a Agrotóxicos e Câncer Ambiental* descreve as bases moleculares do desenvolvimento do câncer e do polimorfismo genético que podem envolver os agrotóxicos, bem como uma boa revisão dos trabalhos no Brasil e no mundo que relacionam a exposição a esses compos-